Fotografia e Prisão: a fotografia documental como fonte da pesquisa antropológica[1].

Eduardo Lima Leite[2]
Universidade Federal de Campina Grande

RESUMO

Há muito, a fotografia documental é utilizada como fonte de conhecimento antropológico, em especial nas pesquisas de Bronisław Malinowski (1922) que marcou os estudos da antropologia moderna. No contexto deste trabalho a fotografia documental assume uma questão de método. Do tempo de vista conceitual o artigo está ancorado nos estudos de interacionismo simbólico, na filosofia social de Georg Simmel (2019) e na sociologia figuracionista de Norbert Elias (2013). A partir desse contexto teórico-metodológico buscou-se fundir um leque de fotografias do Presídio Regional de Patos-PB, com anotações resultantes da observação participante realizada durante pouco mais de dois anos.

PALAVRAS-CHAVE: fotografia documental; antropologia, presídio regional; Patos-PB.

INTRODUÇÃO

Fotografia documental, segundo DA SILVA (2016) é aquela que se propõe ser um registro fiel de seu lugar e de seu tempo. Um dos objetivos da fotografia documental está intimamente ligado ao fator social, capaz de construir um testemunho acerca dos acontecimentos do mundo (MACEDO, 2013).

De acordo com Maia (2013), “certas fotografias são classificadas com o termo documental porque reúnem determinadas propriedades que as fazem ser identificadas como tal”.

---

[1] Trabalho apresentado no GT1 – Fotografia Documental.

[2] Professor Adjunto da Universidade Federal de Campina Grande, e-mail: eduardo@cstr.ufcg.edu.br

> Ao observarmos uma fotografia, devemos estar conscientes de que a nossa compreensão do real será forçosamente influenciada por uma ou várias interpretações anteriores. Por mais isenta que seja à interpretação dos conteúdos fotográficos, o passado será visto sempre conforme a interpretação primeira do fotógrafo que optou por um aspecto determinado, o qual foi objeto de manipulação desde o momento da tomada do registro e ao longo de todo o processamento, até a obtenção da imagem final. (KOSSOY, 2012, p. 125).

Este artigo resultou das atividades de orientação de iniciação científica e de trabalho de conclusão de curso, enquanto professor do curso de Direito da UNIFIP entre 2005 e 2010. Essas orientações objetivaram mapear o perfil da comunidade carcerária do Presídio Regional de Patos-PB, demolido em 2018 a partir de uma parceria público-privada entre a UNIFIP e o Governo do Estado da Paraíba.

Durante esse período em que trabalhava na orientação dos alunos, realizei também uma pesquisa sobre a violência prisional, segundo a ótica do problema do risco e o medo, tendo como fundamento metodológico a observação participante junto aos 263 encarcerados.

> A observação participante é realizada em contato direto, frequente e prolongado do investigador, com os atores sociais, nos seus contextos culturais, sendo o próprio investigador instrumento de pesquisa. Requer a necessidade de eliminar deformações subjetivas para que possa haver a compreensão de factos e de interações entre sujeitos em observação, no seu contexto. É por isso desejável que o investigador possa ter adquirido treino nas suas habilidades e capacidades para utilizar a técnica. (CORREIA, 1999, p. 31).

A partir dos laços de confiança e aprofundamento dos diálogos com os presos, resolvi documentar através das fotografias a rotina do presídio, com aprovação do juiz de execuções penais da época e que agora posso publicar pelo fato do presídio ter sido demolido. Mais do que isso, as fotografias representam também documentos.

Por último, as fotografias foram utilizadas para solicitar algumas providências junto a alguns órgãos da Secretaria de Cidadania e Justiça, dado o quadro geral do presídio.

O QUE DIZEM AS FOTOGRAFIAS?

A abordagem utilizada aqui desdobra-se através da categoria analítica presídio, que configura nesse trabalho uma chave para a leitura de subjetividades e interações a partir das fotografias enquanto expressões de inteligibilidade no interior do Presídio Regional de Patos-PB. A observação participante, por sua vez, reflete meu olhar através das fotografias. Juntas, a categoria analítica prisão e as fotografias, oferecem um espaço à narrativa, enredada por idas, vindas e experiências únicas que só foram possíveis pela convivência em um ambiente estranho e que em certa medida se tornou familiar.

> O que durante muito tempo distinguiu o homem da maioria das outras espécies foi justamente o fato de que eles não se reconhecem entre si. Um gato para um gato, sempre foi outro gato. Um homem ao contrário, deveria preencher determinadas condições draconianas para não ser excluído, inapelavelmente, do mundo humano. O que caracterizava o homem, a princípio, era o fato de reservar zelosamente o título de homem apenas para sua comunidade. (FINKIENKRAUT, 1998).

A sessões fotográficas foram autorizadas pelo juiz das execuções penais em consonância com a direção do presídio. Durante as sessões fotográficas não houve reclamação por parte dos presos. Em conversa prévia foi acordado que a imagem dos presos e dos agentes penitenciários seriam resguardadas por questões de segurança. O equipamento utilizado para fotografar, foi a Canon 5D Mark II.

FOTOGRAFIA E OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE: INTERFACE

FOTOGRAFIA 1 – PRESÍDIO REGIONAL DE PATOS

Fonte: Arquivo da pesquisa (2010).

É possível que essas fotografias sejam algumas ou as únicas sobre o exterior e o interior do presídio. Serviu também como fonte para leituras e compreensão do ambiente prisional, a partir do enfoque antropológico no qual atividades rotineiras e humanas ganharam significados que não eram possíveis de compreender a partir de um olhar de fora; mas a partir de um olhar de dentro. Por isso, essa fotografia simboliza a base metodológica utilizada durante a pesquisa de campo

FOTOGRAFIA 2 – ENTRE CAMINHOS

Fonte: Arquivo da pesquisa (2010).

A fotografia 2, "Entre caminhos", apresenta o principal acesso utilizado pelos presos. Era um pequeno espaço que dividia o acesso ao portão de entrada e saída, com a área utilizada para o banho de sol. Esse espaço era passagem obrigatória para todos que diariamente precisavam acessar o presídio e que por isso serviu de local para entrevistar os presos do regime semiaberto que chegavam para dormir diariamente no presídio. "Entre caminhos" possibilita uma leitura sobre os muitos sentidos da prisão, entre eles, um lugar marcado por forte religiosidade. Ao passar pelo portão de entrada, bastava levantar a cabeça e a primeira mensagem que viria era: "Recebei por herança o reino, pois estive preso e viestes me visitar", Mt. 25.34-36.

FOTOGRAFIA 3 – ENCONTRO: UM OLHAR ANTROPOLÓGICO

Fonte: Arquivo da pesquisa (2010).

A fotografia intitulada "Encontro: um olhar antropológico", oferece um caminho interpretativo para as relações subjetivas a partir do contexto espaço e tempo. Vejamos de maneira breve: na tentativa de manter relações afetivas, o casal desafia o espaço prisional que é em sua natureza árido, mas que, do ponto de vista da categoria tempo, guarda e fortalece os laços do casal, esses laços são amizade, segredo, compreensão, lealdade, etc.

FOTOGRAFIA 4 – ENTRE REDES

Fonte: Arquivo da pesquisa (2010).

"Entre redes" revela que algo simples como dormir, se torna no espaço de uma cela, algo desafiador. Um exercício colaborativo diário que requer solidariedade entre os presos, num encontro e desencontro entre cordas e redes.

FOTOGRAFIA 5 – TRANSIÇÃO

Fonte: Arquivo da pesquisa (2010).

A fotografia "Transição" representa a separações de dois espaços distintos: o corrimão, enquanto constituinte do caminho do preso recolhido a cela durante às vinte e duas horas e do outro preso, que transita entre celas,

direção do presídio e corredores que dão acesso à janelas para o mundo exterior. O Presídio Regional de Patos-PB era uma misto de morada do homem na prisão, que "transita" mesmo em regime fechado e outro intransitável também de regime fechado. Era através dois lances de escadas que se fazia transição entre esses dois espaços.

FOTOGRAFIA 6 – METAMORFOSE

Fonte: Arquivo da pesquisa (2010).

"Metamorfose[3]" desvela os efeitos do tempo, o descaso com seres humanos. No contexto do presídio, o tijolo batido é uma metáfora para as várias conversões do ser humano. Expõe a negligência com a dignidade humana e não deixa dúvida sobre a desproporcionalidade entre o valor-de-uso e valor-de-troca dos homens e mulheres que trabalham e cumprem pena.

[3] A palavra metamorfose ganha aqui o sentido dado por Franz Kafka em "A Metamorfose", ao analisar Gregor Samsa, em seu drama vivido a partir de sua condição "inumana".

FOTOGRAFIA 7 – MUROS

Fonte: Arquivo da pesquisa (2010).

A última fotografia intitulada "Muros", permite observar uma divisão representada, de um lado pelos limites dos muros da prisão, a visão da UNIFIP do outro lado e possibilidades que a formação acadêmica oferece. Lembra que comunidade prisional e comunidade acadêmica foram vizinhas durante cinco décadas.

CONSIDERAÇÕES

Em primeiro lugar, a ação de fotografar o presídio foi motivada pela preocupação em gerar um acervo fotográfico do Presídio Regional de Patos-PB, tendo em vista sua demolição e como consequência, a transformação do espaço que o presídio ocupava. Em segundo lugar, garantir o registro da memória do presídio e dos espaços em seu entorno. Em terceiro lugar, esse trabalho documental expressa-se como lugar de contradiscurso, através do olhar antropológico sobre a prisão combinada com a fotografia, capaz de contribuir para reflexão dos problemas inerentes a prisão, tais como superlotação, péssimas condições estruturais, etc. Por fim, espero que o olhar

atencioso possibilitado por esse trabalho documental possa contribuir para o debate sobre os problemas atuais em se que se enquadram as prisões.

REFERÊNCIAS

CORREIA, M. C. (1999). A Observação Participante enquanto técnica de investigação. **Pensar Enfermagem**, 13(2), p. 30-36. 1999.

DA SILVA, Debora Aparecida; DE MELLO, Neli Demonico; DOS SANTOS, Klinger Atuy. Uso da fotografia documental como fonte histórica. **Revista Educação-UNG-Ser**, v. 11, n. 2 ESP, p. 67-79, 2016.

DUBOIS, Philippe. **Ato Fotográfico (o)**. Editora Papirus, 1994.

FINKIENKRAUT, Alain. **A humanidade perdida.** São Paulo: Ática, 1998.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & história**. Cotia, SP: Ateliê Editoral, 2012.

MACEDO, Felipe Augusto Passos. **Minicurso sobre fotografia documental**: “A fotografia não mente, os mentirosos, fotografam”, 2013.

MALINOWSKI, Bronisław. **Argonautas do pacífico ocidental**. Ubu Editora LTDA-ME, 2018.

MAIA, Ravena Sena. **A paisagem na fotografia documental contemporânea:** tendências estéticas na obra “Paisagem submersa” (Monografia). 2013.

MANZO, Enrique Guerra. La sociología figuracionista de Norbert Elias: Críticas y contracríticas. **REencuentro. Análisis de Problemas Universitarios**, n. 66, p. 80-89, 2013.

VANDENBERGHE, Frédéric. **As sociologias de Georg Simmel**. Editora Vozes Limitada, 2019.